

Centenário de Nascimento do Sargento Max Wolf Filho

* Matéria enviada pelo Comando da EsSA.

Max Wolf Filho, nascido em 29 de julho de 1911, filho do casal Max Wolf e Etelvina Pacheco, é considerado um dos grandes heróis da Força Expedicionária Brasileira.

Na adolescência, foi o principal auxiliar do pai na fábrica de torrefação de café da família. Com o fechamento da torrefação, passou a trabalhar de escriturário nos armazéns de uma companhia de navegação e, nas horas de folga, auxiliava os carregadores de erva-mate. Com a mudança da família para Curitiba, Max Wolf alistou-se no 15º Batalhão de Caçadores.

Posteriormente, servindo no 30º Regimento de Infantaria, localizado no Rio de Janeiro, teve participação destacada na Revolução de 1932. Ferido em combate, conquistou a estima e a confiança de superiores, pares e subordinados, em especial de seu comandante, o então Capitão Zenóbio da Costa, pelo destemor e pela coragem demonstrados em ação. Foi logo promovido à graduação de 3º Sargento.

Quando o então Major Zenóbio da Costa organizou a Polícia Municipal do Distrito Federal, convidou Max Wolf para integrá-la. No ano de 1935, comandando um carro de assalto da polícia, Max Wolf teve participação ativa na reconquista do 3º Regimento de Infantaria, localizado na Praia Vermelha.

Aberto o voluntariado para a Força Expedicionária Brasileira, Max Wolf apresentou-se imediatamente para a seleção e foi incorporado ao 11º Regimento de Infantaria (11º RI). Sua unidade desembarcou em Nápoles no início de outubro de 1944 e entrou em combate no final de novembro. No batismo de fogo do 1º Batalhão do 11º RI, Max Wolf destacou-se nas atividades de remuniciamento e resgate de feridos, desempenhando suas funções com ânimo forte e determinação.

Destacou-se pela bravura, competência militar e disciplina sendo voluntário para cumprir as mais difíceis missões. Entre elas, destaca-se a que, num gesto de abnegação e de destemor, constituiu uma patrulha que reconduziu às linhas amigas o Capitão João Tarcísio Bueno, gravemente ferido em ação, em local perigoso, facilmente batido por fogos das posições alemãs.

O Sgt Max Wolf Filho foi comandante do Pelotão Especial destinado a patrulhas de reconhecimento em situações excepcionalmente perigosas. E foi à frente deste pelotão, depois de inúmeros e heroicos feitos, que tombou em missão de patrulha nas proximidades de Maserno, mais precisamente na Batalha de Montese; ao avançar por uma encosta em ação de reconhecimento, seu vigoroso peito foi cortado por uma rajada de metralhadora. Pereceu em combate em 12 de abril de 1945, sendo promovido post-mortem ao posto de 2º Tenente por Decreto do Governo da República, datado de 8 de junho de 1945.

Em face das diversas demonstrações de coragem, disciplina, ação de comando, noção de cumprimento do dever e, principalmente, patriotismo, o nome de Sargento Max Wolf é hoje símbolo de maior herói para as praças do Brasil. A sua invariável conduta heroica, grande intrepidez e elevado espírito ofensivo foram reconhecidos com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil, Medalha Americana Bronze Star e a Cruz de Combate de 1ª Classe.

A EsSA, que tem como missão precípua formar os sargentos combatentes do Exército Brasileiro, recebeu, por meio da Port nº229 Cmt Ex, de 23 Abr 07, a denominação histórica de "Escola Sargento Max Wolf Filho" e assim integrou a sua história à vida deste insigne herói brasileiro. A Escola de Sargentos das Armas comemora, no corrente ano, o centenário de nascimento do Sgt Max Wolf Filho e realiza sua Festa Nacional.



Selo comemorativo - Centenário de Nascimento do Sgt Max Wolf Filho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Gen Octavio Costa. Trinta anos depois da volta. Revista Verde Oliva Nr 41. Pág 44.
- Cel Cláudio Moreira Bento. Revista do Exército Brasileiro, vol. 133, 2º Trimestre de 1996. Cinquentenário da morte em combate do Sargento Max Wolff Filho
- Citações de Combate do Sargento Max Wolff Filho.
- Boletim Especial do Exército de 02 Dez 46, páginas 9-11. Os mortos da FEB.
- Max Wolff Filho e Suez são lembrados no 20º BIB. O Estado do Paraná, 31 de julho de 1999.
- Alterações do Sgt Max Wolff Filho. Ministério da Defesa, 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, de 21 Ago 01.



Monumento à Patrulha do Sgt Max Wolf Filho - Pátio de Formaturas- EsSA



Vitrine Memorial Sgt Max Wolf Filho Espaço Cultural Duque de Caxias- EsSA



A Força Expedicionária Brasileira e o Sgt Max Wolff Filho

Orlando Roque de Simone *

Desde os bancos escolares, nós, militares brasileiros, especialmente os do Exército, tomamos conhecimento da história da Força Expedicionária Brasileira (FEB), seus feitos heroicos, suas vitórias e suas dificuldades. Nomes como: Mascarenhas de Morais, Zenóbio da Costa, Cordeiro de Farias, Frei Orlando e Max Wolff Filho fazem parte do elenco de heróis nacionais admirados pela Força Terrestre e têm sua memória cultuada.

Na Itália, todos os anos, as comunes (prefeituras) das cidades localizadas nas regiões da Toscana e Emilia-Romagna realizam diversas cerimônias em homenagem à FEB e aos mortos da Segunda Guerra Mundial. Na qualidade de Adido do Exército Brasileiro na Itália sou convidado a comparecer a essas solenidades, oportunidade em que encontro e reencontro pessoas que viveram (e jamais esquecem) os momentos passados durante a guerra e a atuação da FEB. São octogenários e até nonagenários que tiveram participação ativa como "partigiani" (movimento símile à resistência francesa) ou simplesmente foram colhidos pelas operações bélicas. Algumas dessas pessoas serviram como guias às tropas, outras ajudavam na cozinha e há inclusive, as que alegam ter combatido "insieme" aos brasileiros, como parte da própria FEB. Nesses agradáveis momentos, ouço recorrentemente histórias sobre como os "pracinhas" eram generosos, dividindo sua própria ração com a população faminta ou dando uma roupa usada àqueles que tinham pouco o que vestir durante o inverno, considerado o mais rigoroso do Sec XX, na Itália. São histórias emocionantes, que falam da índole de um povo pacífico e alegre, mas também muito corajoso e combativo.

É importante ressaltar que eles consideram fundamental que a memória seja mantida, dando conhecimento dos horrores das guerras às gerações atuais e futuras, impedindo ou dificultando que novas guerras ocorram. Também consideram importante lembrar que, se não fossem os bravos soldados brasileiros, corajosos e combativos, mas também criativos, humildes e generosos, as dificuldades enfrentadas pela população local teriam sido imensamente maiores.

Uma dessas homenagens citadas anteriormente se dá em Montese, sempre no dia 25 de abril, data em que a Itália comemora o "Dia da Liberação". Representa o dia em que todas as tropas nazistas presentes no território italiano foram vencidas. No ensejo desse evento, a Aditância do Exército Brasileiro na Itália realiza uma homenagem ao Sgt Max Wolff Filho na localidade de Maserno, fração de Montese.

A história de Max Wolff é bastante conhecida, mas nunca é demais chamar atenção para alguns aspectos. Era intrépido, destemido e sempre que surgia uma missão perigosa apresentava-se como voluntário. Recebeu duas citações elogiosas durante a guerra, que podem ser resumidas em um trecho do Decreto de concessão da Cruz de Combate: ..."O Sargento Wolff, apesar da escuridão e do nevoeiro, seguiu com sua patrulha para a 'terra de ninguém' e conseguiu com dificuldade carregar os feridos para as nossas linhas. Muitas vezes o sargento Wolff agindo como voluntário tem cumprido perigosíssimas missões no comando de patrulhas, tendo sido sempre bem sucedido. O sargento Wolff tem constituído sempre um belo exemplo para os seus camaradas."[1]

Morreu no dia 12 de abril de 1945, às vésperas do ataque a Montese, atingido por uma rajada de metralhadora, enquanto comandava uma patrulha de reconhecimento. Deixou uma filha e lágrimas nos olhos de seus camaradas, subordinados e superiores.

Uma homenagem ao Sgt Max Wolff Filho termina por ser estendida a uma categoria de profissionais muito especiais e importantes para o Exército: os sargentos. No pavilhão de comando da Escola de Sargentos das Armas (EsSA) existe inscrita uma frase que sintetisa essa importância, dizendo: "Sargento, elo entre o comando e a tropa."

São esses graduados que, no comando de pequenas frações, como uma patrulha, após receberem a missão de seus comandantes, são responsáveis pela sua execução. Não importa quão perigosa, dura, espinhosa e desagradável seja a missão; o sargento deve garantir o seu cumprimento. E a forma mais eficaz e segura de fazê-lo é por intermédio do exemplo. Assim é que, em missão, o sargento deve estar sempre junto, muitas vezes à frente de seus comandados, como fazia o Sgt Max Wolff Filho. E como faz a imensa maioria dos sargentos com que tive a oportunidadede trabalhar no Exército Brasileiro.

1 - Boletim Especial do Exército - 02/12/1946



Estando em contato com militares das diversas Forças Armadas de inúmeros países, tenho a oportunidade de avaliar o quanto as Forças Armadas Brasileiras são admiradas e respeitadas mundo afora. De fato, estudando a história militar de nosso país, podemos constatar incontáveis fatos que demonstram a eficiência de nossas Forças. Essa mesma história militar nos conta, no entanto, que todas as vezes que entramos em conflitos armados, nossas Forças, em particular o Exército Brasileiro, encontravam-se material e doutrinariamente despreparadas. Não obstante, sempre saímos vencedores. A pergunta que surge imediatamente é: como isto é possível?

A resposta é simples: o grande diferencial está no homem brasileiro. Certamente esse homem é trabalhado e lapidado pelos eficientes Sistemas de Ensino de cada Força. No entanto, as características mais notáveis desse homem, já citadas anteriormente, são aquelas que indubitavelmente fazem a força de nossas Forças.

Que essa homenagem ao grande herói Sgt Max Wolff Filho se estenda a cada militar brasileiro. Que seu exemplo ilumine e guie a mente de cada Soldado no exercício de sua função, para a manutenção do respeito e da admiração que nossas Forças possuem.

Brasil, acima de tudo!

* O autor é Coronel.

A Legendária Figura de Max Wolff Filho
O Rei dos Patrulheiros

Carmen Lúcia Rigoni *

"A notícia da morte de Wolff espalhou-se por todos os acampamentos brasileiros. Tal fato ocorreu na frente e na retaguarda das tropas, nos 'fox hole' e nos postos de observação avançados, reforçando a cada narrativa a figura heroica do personagem. Ficara retida, nas mentes, a figura do soldado destemido, líder do seu grupo e, o mais relevante, a marca de sua personalidade altruísta e espírito de companheirismo denotado a quem precisasse". (1)

A conquista de Monte Castello, em fevereiro de 1945, reforçava o pensamento de vitória entre os combatentes brasileiros, criando a imagem de um novo soldado, redimindo, desse modo, os primeiros percalços da FEB, vista agora como tropa de primeira linha.

A cidade de Montese, localizada a noroeste da Itália, constituía um desafio para os brasileiros, e as fortificações naturais como os morros de Montello e Monte Buffoni asseguravam refúgio importante para as tropas alemãs remanescentes que ali estavam estacionadas. Na expectativa de que tropas aliadas chegariam a qualquer momento, os alemães haviam disseminado minas na parte sul da cidade, criando, assim, uma barreira quase intransponível.

Para o comando aliado, havia notícias de grande movimentação de tropas alemãs na área. As incertezas nas informações nada esclareciam, pois poderia tratar-se de um reforço ou de uma retirada total destes elementos. Era necessária uma averiguação mais apurada e, neste sentido, patrulhas deveriam percorrer as imediações da cidade.

"Nessas patrulhas o 'pracinha' tinha de fazer inúmeros reconhecimentos na 'terra de ninguém', com a exposição constante de sua vida, em terreno geralmente desconhecido e largamente minado, atraindo o fogo inimigo, a fim de revelar sua localização e potência".[1]

Muitos fatos na guerra, para os soldados brasileiros, estão envoltos no nome do sargento Max Wolff Filho, que pertenceu ao 11° Regimento de Infantaria (Regimento Tiradentes) da FEB. O seu nome está ligado às patrulhas das quais participou ou que comandou durante o inverno de 1944 e, mais tarde, na Ofensiva da Primavera, em 1945.

Max Wolff Filho nasceu no dia 29 de julho de 1911, na cidade de Rio Negro, Paraná, sentou praça no 15° Batalhão de Caçadores, em Curitiba, e serviu também no 3° Regimento de Infantaria, no Rio de Janeiro, ocasião em que ascendeu à graduação de 3° sargento. Durante a organização da Polícia Municipal do Distrito Federal, à época a cidade do Rio de Janeiro, foi chamado por Zenóbio da Costa para integrar a nova corporação, aí prestando relevantes serviços que acabaram por moldar o seu perfil de militar destemido.

Logo que foi aberto o voluntariado para a Força Expedicionária Brasileira, ao saber que o General Zenóbio da Costa seria o comandante da Infantaria Expedicionária, despertou em Wolff o grande desejo de partir para a guerra. Durante o processo de seleção médica, na formação da FEB, Wolff foi recusado pois, além de um problema de saúde, possuía idade considerada avançada para servir na guerra como sargento. Contam os historiadores militares que buscou recursos médicos e, desse modo, embarcou junto com o 11° RI, no 2° escalão que partiu para a Itália.

A patrulha comandada por Max Wolff, e que o vitimou,

1 - Cel Adhemar Rivermar de Almeida, à época Oficial de Operações do 1° Batalhão do 11° RI na FEB in "Max Wolff Filho, um símbolo, quase uma lenda." Texto manuscrito, Rio de Janeiro, 19



é envolvida até hoje pelas mais diversas interpretações. Naquele dia fatídico, 12 de abril de 1945, mal despertara o dia, e o Posto de Comando do 1°/11° RI, localizado em Monteforte, estava tomado por oficiais, observadores avançados de Artilharia e correspondentes de guerra.

O lançamento de patrulhas, à luz do dia, era algo de muita temeridade. Escolhido na noite anterior para comandar o pelotão especial, Wolff havia estudado com o Oficial de Operações todos os detalhes e os homens seriam de sua escolha. Geralmente, a patrulha era composta por 19 homens.

Como sempre, antes da partida o Sargento Wolff verificava cada soldado da sua fração e, como verdadeiro comandante de linha de frente, previa e providenciava tudo o que fosse necessário para a missão. Solicitou que cada um verificasse seu armamento, submetralhadoras e fuzis, minúcias importantes que não poderiam ser esquecidas. Cada homem portava 8 granadas enganchadas no cinto de guarnição, pesando cerca de 650 gramas cada, que, juntando-se a outros equipamentos, tornavam o caminhar do soldado de Infantaria uma árdua tarefa.

Ao passar pelo observatório da Artilharia Brasileira em Monteforte, a patrulha seguia em coluna por um e estava sendo observada ao longe, também, pelos correspondentes de guerra. Minutos antes, havia sido fotografada com os homens em formação, a célebre foto que ficou na história, eternizada em belos monumentos na Escola de Sargentos das Armas e no 20° Batalhão de Infantaria Blindado, com Max Wolff à testa de seus homens, com talabartes de munição sobre os ombros e cruzados às costas, diferenciando-o dos demais.

Passando pela cota 732 em Morciani, Wolff deixou para trás parte dos seus homens, para um apoio, caso uma retirada fosse necessária. Os elementos restantes foram divididos em dois grupos, cada um com 6 elementos, iniciando o avanço, um à esquerda e o outro à direita, tentando envolver o casario.

Ao se aproximarem da cota 747, na localidade de Riva di Biscia, objetivo maior da patrulha, Wolff tinha consciência do perigo que corriam. As duas frações se aproximaram muito das casas, cerca de vinte metros, e o terreno estava arado e fofo, o que dificultava a caminhada. Neste instante, perto do meio-dia, o comandante é atingido por projéteis de metralhadora MG42 ("Lurdinha", no linguajar do "pracinha" da FEB) e, ferido mortalmente, tenta se mexer, mas é ferido novamente por tiros que partiram do mesmo local, deixando-o definitivamente imóvel.

O inimigo preparou uma barragem de fogos frente às suas posições, dificultando o resgate do corpo de Wolff. Nesse momento, na tentativa de resgate, foram feridos o Sargento Faccion e o Soldado Antonio de Sá Rodrigues, enquanto o Soldado João Estevan morreu no local. O Tenente Médico Dr. Yvon de Miranda Azevedo, que estava mais recuado, tentou socorrer os feridos no próprio local.

Das missões em que Wolff participou, seu nome foi registrado nos anais do 11° RI, principalmente nas primeiras jornadas infrutíferas da Tomada de Monte Castello, quando tentou levar tranquilidade aos soldados da 1ª Cia desse Regimento, duramente atacada pelos alemães no bombardeio de 2 de dezembro de 1944. O mesmo ocorreu na busca pelo Capitão João Tarciso Bueno, ferido gravemente no episódio de 12 de dezembro de 1944. Tais feitos e a amizade incondicional que o ligava aos seus comandados provocou a admiração dos seus superiores e camaradas, pela intrepidez com que aceitava as missões.

Nos dias que se seguiram à morte dos patrulheiros, a FEB desencadeou toda a sua ação sobre a cidade de Montese e seu entorno. Os violentos ataques da artilharia alemã e os campos minados provocaram elevadas baixas na tropa brasileira. Somente no dia 17 de abril de 1945, caía Montese, na maior operação bélica desencadeada por um Regimento da FEB. O saldo para a cidade foi trágico, registrando-se cerca de mil mortos entre os civis, tendo a cidade de arquitetura medieval perdido mais de 1.350 de seus prédios históricos.

Nestes dias da primavera de 1945, partia a FEB para os seus últimos combates, agora confiante, gravando para a posteridade o seu nome nos anais da História Contemporânea Brasileira.

Eis a memória que não fenece, mas insiste em existir.

Atualmente, a memória do Sargento Max Wolff Filho é reverenciada pelo Exército Brasileiro por intermédio das denominações históricas da Escola de Sargentos das Armas (EsSA – Três Corações/MG), do 20° Batalhão de Infantaria Blindado (20° BIB – Curitiba/PR) e do Centro de Recuperação de Itatiaia (CRI – Itatiaia/RJ).



foto: Subtenente Piloneto

Monumento em homenagem ao Sgt Max Wolff Filho - Montese - Itália.

* A autora é Professora.